

A alteridade em questão na narrativa da criança

Marina de Oliveira*
Marlete Sandra Diedrich**

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar a constituição da alteridade na narrativa da criança, à luz dos pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin, especialmente no que se refere à concepção dialógica da linguagem e à constituição do sujeito. Fundamentando-se, principalmente, em *Problemas da obra de Dostoiévski* (Bakhtin, 2022), *Para uma filosofia do ato responsável* (Bakhtin, 2020) e *Os gêneros do discurso* (Bakhtin, 2016), o estudo, derivado da pesquisa desenvolvida por Oliveira (2022), em sua dissertação de Mestrado, busca compreender como a criança se constitui como sujeito na relação com o outro a partir de suas práticas narrativas. A metodologia adota uma abordagem qualitativa, com análise de enunciados ilustrativos produzidos por crianças em contextos de interação verbal, conforme princípios propostos à luz da análise dialógica do discurso. O referencial teórico ancora-se nos conceitos de dialogismo, enunciação, alteridade e voz, compreendendo o discurso da criança como atravessado por múltiplas vozes sociais. Sendo assim, a narrativa da criança não é expressão de um eu isolado, mas um espaço de encontro entre vozes, revelando a presença ativa do outro na construção do dizer da criança. Os resultados da investigação realizada indicam que a alteridade emerge como elemento estruturante

* UPF. Mestre em Letras. Professora de Educação Básica na Escola Sesi. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6133-2197>.

** UPF. Doutora em Estudos da Linguagem. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF. Bolsista CNPq de pós-doutorado na UNESP Araraquara. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9177-089X>.

do discurso infantil, sendo constituinte da subjetividade e da linguagem, o que reforça a tese de que toda enunciação é sempre responsiva e orientada para o outro.

Palavras-chave: alteridade; narrativa da criança; análise dialógica do discurso; subjetividade.

Alterity in Question in the Child's Narrative

Abstract

This article aims to investigate the constitution of alterity in children's narratives, in light of Mikhail Bakhtin's theoretical assumptions, especially with regard to the dialogical conception of language and the constitution of the subject. Based mainly on *Problemas da obra de Dostoiévski* (Bakhtin, 2022), *Para uma filosofia do ato responsável* (2020) and *Os gêneros do Discurso* (2016), the study seeks to understand how children constitute themselves as subjects in their relationships with others, based on their narrative practices and derivatives from the research developed by Oliveira (2022) in his Master's dissertation. The methodology adopts a qualitative approach, with analysis of illustrative statements produced by children (age) in contexts of verbal interaction, according to principles derived from the dialogical analysis of discourse. The theoretical framework is anchored in the concepts of dialogism, enunciation, alterity and voice, understanding children's discourse as traversed by multiple social voices. The aim is to demonstrate that children's narratives are not an expression of an isolated self, but rather a space for voices to meet, revealing the active presence of the other in the construction of the child's speech. The results indicate that alterity emerges as a structuring element of children's discourse, constituting subjectivity and language, reinforcing the thesis that every enunciation is always responsive and oriented towards the other.

Keywords: alterity; children's narrative; dialogic discourse analysis; subjectivity.

Recebido em: 14/05/2025 // Aceito em: 27/11/2025

Introdução

A linguagem é constitutiva do ser humano e, na perspectiva dialógica desenvolvida por Mikhail Bakhtin e o Círculo que leva seu nome, ela é concebida em sua realização sempre na e pela relação com o outro. Nessa concepção, o sujeito não é uma entidade autônoma e isolada, mas se constitui na tessitura do discurso, em um campo de forças enunciativas atravessado por múltiplas vozes sociais. A alteridade, nesse sentido, não é algo externo ao sujeito, mas uma dimensão fundante do processo de constituição da consciência e da identidade. Seguindo a perspectiva bakhtiniana, definimos a alteridade como a constituição do “eu” em relação com o outro e em função do outro. Nessa constituição, a identidade é percebida somente em termos dialógicos. Assim, compreende-se que não há sujeito fora da comunicação com o outro.

Ao considerar a infância sob essa lente teórica, desloca-se a visão tradicional da criança como um ser incompleto ou em desenvolvimento linear, para compreendê-la como sujeito social ativo, cujas produções discursivas, especialmente as narrativas, revelam complexas relações com o mundo, com os outros e com ela mesma. A narrativa infantil é, assim, concebida não como simples relato de experiências, mas como ato de linguagem em que a criança organiza sentidos, reelabora vivências e se posiciona dialogicamente diante de múltiplas vozes que a interpelam.

Este artigo parte da compreensão de que a narrativa da criança constitui um espaço privilegiado para a análise da alteridade, por ser um terreno onde se entrelaçam vozes internas e externas, individuais e coletivas, presentes e remotas. Inspirado nos fundamentos teóricos de Bakhtin, especialmente nas obras

Problemas da obra de Dostoiévski (2022), *Para uma filosofia do ato responsável* (2020) e *Os gêneros do discurso* (2016), o estudo busca compreender como a criança se constitui como sujeito na relação com o outro, por meio da linguagem e, em particular, por meio da narrativa.

A alteridade, nesse escopo, é entendida como categoria fundante da subjetividade e da linguagem, sendo inseparável do processo de enunciação. Toda palavra é, por definição, resposta a outras palavras, e toda narrativa carrega em si a presença ativa do outro. A criança, ao narrar, não apenas fala de si ou sobre o mundo, mas constrói-se discursivamente a partir do encontro com as vozes que a rodeiam – vozes que vêm da família, da escola, da mídia, da literatura, das experiências vividas e imaginadas.

Com base nesse horizonte teórico, este artigo propõe uma investigação qualitativa, ancorada na análise dialógica do discurso, a fim de interpretar enunciados produzidos por crianças em contextos interacionais. A reflexão aqui apresentada deriva de um trabalho maior, desenvolvido por Oliveira (2022), em sua dissertação de Mestrado. Assim, parte-se do princípio de que o dizer da criança não é expressão de um eu isolado, mas um campo de relações em que o outro está sempre presente, constituindo a própria possibilidade do sujeito e da linguagem.

1 Entre vozes: dizeres da infância e a presença do outro

A narrativa infantil, quando observada sob a ótica da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, revela-se como um espaço de encontro entre múltiplas vozes, no qual a criança, ao narrar, já se encontra imersa em um universo de discursos alheios. Suas produções discursivas não são meras expressões

individuais, mas refrações de discursos que ocorrem na e pela relação com o outro. Nesse contexto, a alteridade não é um elemento externo, mas constitutivo: cada palavra da criança carrega a presença do outro, seja na entoação, na escolha lexical ou na estrutura narrativa.

Sob esse viés, a filosofia do ato responsável, proposta por Bakhtin (2020), destaca a dimensão arquitetônica da existência, na qual os valores e significados se organizam a partir de três momentos fundamentais: o eu-para-mim, o eu-para-o-outro e o outro-para-mim. Essa estrutura evidencia que a alteridade é intrínseca à constituição do sujeito, pois “a vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro” (Bakhtin, 2020, p. 142). Assim, a subjetividade emerge na intersecção desses centros, sendo moldada pelas interações dialógicas que permeiam a experiência humana. Segundo Ponzio (2020), no campo literário, Bakhtin identifica a realização dessa arquitetônica na relação entre autor e herói, uma vez que o autor observa o personagem de um ponto de vista transgrediente, garantindo-lhe uma alteridade irredutível. Essa perspectiva é considerada na compreensão do narrador infantil como autor-criador de seus dizeres. Embora envolvida na vivência, a criança, ao narrar, desloca-se para um lugar de construção estética de sentidos, assumindo uma posição enunciativa que é simultaneamente própria e alheia.

A narrativa da criança, portanto, não é solitária. Suas palavras, mesmo quando não marcadas formalmente, incorporam vozes alheias (de familiares, professores, mídias, livros, amigos...) que se entrecruzam em um movimento de assimilação, refutação ou reinterpretação. Essas vozes alheias, ao serem introduzidas no discurso da criança, inevitavelmente

assumem uma nova intenção, tornando-se bivocais (Bakhtin, 2022). A bivocalidade é uma marca do diálogo: não há dizer neutro, sem endereçamento, sem expectativa de resposta. Mesmo a fala aparentemente solitária da criança está voltada para um outro – real ou imaginário, presente ou ausente. Como observam Araújo e Araújo (2022), essas vozes

ora são marcadas, ora se misturam à voz do autor-criador, por vezes, de forma dissimulada, não marcada, visto que, muitas vezes, no ato criativo, o autor se utiliza de palavras de outrem no próprio enunciado, sem necessariamente apontar traços formais [...] que marquem tal ocorrência. (Araújo, A.; Araújo, M., 2022, p. 96).

Na tessitura narrativa da criança, portanto, operam-se articulações de sentidos que se formam na tensão entre as vozes que a constituem, num movimento contínuo de resposta e antecipação ao outro – o que confirma o princípio fundamental da dialogicidade como base da linguagem e da subjetividade.

Nesse sentido, a linguagem é compreendida como um fenômeno de duas faces, sempre envolvendo um falante e um ouvinte, mesmo que este seja implícito. A consciência, então, é formada discursivamente, constituída pelas relações que o sujeito estabelece com as vozes que o rodeiam. O discurso da criança, ao incorporar essas vozes, revela uma subjetividade em formação, dinâmica, aberta e responsiva. Oliveira e Castro (2023) discutem que a subjetividade infantil é um processo dinâmico e interativo, constituído na interação dialógica entre a voz da criança e as vozes do meio social, que ampliam seu repertório e legitimam sua agência. Assim, ao narrar, a criança se posiciona no mundo não como um ser isolado, mas como um eu em relação a um outro concreto, real e histórico. Como

afirma Bakhtin (2020), “não existe o homem em geral; existe eu, e existe um determinado, concreto, ‘outro’: o meu próximo, o meu contemporâneo (a humanidade social), o passado e o futuro das pessoas reais (da humanidade histórica real)” (Bakhtin, 2020, p. 106). Essa concretude do outro, sempre situado histórica e socialmente, reafirma a tese de que toda enunciação é orientada para alguém e que o sujeito só pode se constituir na e pela alteridade.

Assim, a narrativa infantil não pode ser compreendida como expressão de uma interioridade isolada. Ao contrário, ela é o espaço por excelência da alteridade: é nesse entre-lugar, entre eu e outro, entre dito e por dizer, entre ouvir e responder, que a criança se constitui como sujeito de linguagem e de mundo. Como sintetiza Bakhtin (2016), “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos; é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (Bakhtin, 2016, p. 16-17). É por meio desse jogo de vozes, de sentidos compartilhados e refratados, que a alteridade se revela como elemento estruturante do dizer da criança – e, portanto, da própria constituição de sua subjetividade.

Nesse fluxo de vozes e sentidos que compõem a narrativa infantil, torna-se fundamental compreender o estatuto da palavra na perspectiva dialógica da linguagem. Para Bakhtin (2016), a palavra nunca é completamente neutra, ainda que pertença formalmente ao sistema da língua. Ela chega ao sujeito carregada de usos anteriores, de entonações históricas e sociais, de sentidos já lançados no mundo por outros. Ao apropriar-se da palavra, o sujeito a reveste com sua própria intenção, com seu tom expressivo e sua posição enunciativa diante do outro. Nas palavras de Bakhtin (2016):

... pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra, porque uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. (Bakhtin, 2016, p. 53).

Essa tripla natureza da palavra – enquanto estrutura linguística, herança discursiva e apropriação expressiva – é essencial para compreender a enunciação da criança. Ao narrar, a criança transita entre esses três planos: mobiliza o vocabulário que lhe é socialmente disponível, refrata os dizeres de seu entorno, e imprime, ainda que de modo incipiente, sua singularidade discursiva. É nesse movimento que a palavra se torna sua, que a subjetividade se inscreve na linguagem e que o diálogo se concretiza como fundação do sujeito e do sentido.

A narrativa da criança, assim como qualquer prática discursiva, é compreendida como parte de um processo dinâmico de construção de sentido, em que a voz desempenha um papel central. A voz, nesse contexto, não é apenas um som emitido, mas a expressão singular de uma subjetividade situada, em constante relação com o outro e com os discursos que a precedem e a atravessam. Como apontam Baronas e Tonelli (2011), “a voz é, assim, a fonte de um sentido personalizado; atrás dela há um sujeito/pessoa” (Baronas; Tonelli, 2011, p. 274). Contudo, é importante destacar que essa personalização não deve ser confundida com uma essência fixa ou com uma interioridade isolada. Ao contrário, a voz é entendida como um lugar de enunciação em permanente movimento, como um “constante devir do sentido permanentemente gerado pelo ato-resposta” (Baronas;

Tonelli, 2011, p. 274), que se transforma no tempo à medida que é retomado por outros interlocutores no diálogo. Também Martins (2022) destaca que a voz não é um simples veículo do enunciado, mas o espaço onde se manifesta a construção da identidade discursiva, em constante transformação através das interações sociais.

Esse caráter responsivo da voz revela que o sentido não está dado de antemão, mas é construído na relação entre sujeitos, em contextos históricos e sociais concretos. Assim, a voz da criança, ao narrar, não apenas comunica uma experiência, mas participa ativamente da produção de sentidos, num jogo contínuo de eco e resignificação. É nesse processo que o sujeito se forma, não como uma identidade encerrada em si, mas como um “sujeito em diálogo”, sempre inacabado, atravessado por múltiplas alteridades que habitam sua palavra. A narrativa, portanto, é também um gesto ético e estético: um ato de posicionamento no mundo, em resposta ao outro, com o outro e diante do outro.

Desse modo, ao considerar a criança como sujeito de linguagem, é fundamental, como já apontado, reconhecer que sua consciência é constituída discursivamente. O mundo não é apreendido de forma neutra ou imediata, mas interpretado a partir das vozes que circulam no meio social e que moldam as experiências cotidianas. Segundo Araújo e Araújo (2022), a consciência é formada “por discursos, visto que a apreensão do mundo é feita discursivamente, na realidade concreta do meio social em que se está imerso, por meio do diálogo com as múltiplas vozes, numa relação constante e inacabada” (Araújo, A.; Araújo, M., 2022, p. 88). Isso significa que a subjetividade da criança não se constitui à parte do mundo, mas em diálogo com ele – e esse diálogo é atravessado por valores, ideologias, afetos e expectativas sociais.

A criança, ao narrar, atualiza e ressignifica essas vozes, reorganizando-as em uma forma estética própria, ainda que permeada por marcas do outro. A narrativa torna-se, assim, um ato de linguagem que revela como o sujeito se posiciona, se constitui e se compreende no mundo. A palavra da criança – com seus tons, suas repetições, suas imagens e descontinuidades – é o lugar onde a alteridade se manifesta e onde o eu se dá a ver. Como sujeitos de linguagem, crianças vivem em constante resposta ao outro e às vozes que escutam, reinterpretam e incorporam em seus dizeres.

Essa compreensão da linguagem como prática social dialógica, como atividade orientada e responsiva, nos afasta de uma visão formalista da narrativa infantil, que muitas vezes busca classificá-la a partir de estruturas fixas ou esquemas de desenvolvimento. Em vez disso, propõe-se uma escuta sensível à singularidade dos enunciados infantis e à maneira como eles revelam a inserção da criança em um universo simbólico compartilhado. Ao compreender a narrativa como encontro de vozes, reafirma-se o princípio bakhtiniano de que toda enunciação é um acontecimento único, histórico e ético, em que se entrelaçam linguagem e vida. A compreensão da narrativa da criança, enquanto uma construção entre sujeitos, ocorre, portanto, em sua materialidade de interação verbal e dentro do contexto do ato narrativo, tal qual veremos na seção seguinte.

2 O menino que contava histórias: o *corpus* como território de encontros

O trabalho de pesquisa de Oliveira (2022) nos ajuda a compreender melhor o papel da alteridade na narrativa da criança.

A partir da análise das narrativas de uma criança entre dois e cinco anos de idade, realizada pela referida autora, buscou-se refletir sobre o ato narrativo como um fenômeno ético-estético constituinte do sujeito, observando a maneira como a criança se inscreve no discurso, narra sua experiência e constrói sentidos em sua relação com o outro.

O *corpus* da pesquisa foi composto por registros audiovisuais do acervo do grupo de pesquisa interinstitucional NALingua (Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem) – CNPq, que reúne interações espontâneas de crianças em contextos familiares (Del Ré, Hilário, Rodrigues, 2016). A criança cujas falas são analisadas, codinominada GUS, foi acompanhada longitudinalmente por mais de seis anos, sendo observada em interações naturalísticas em casa, em momentos de brincadeira, diálogo e narração de experiências vividas. GUS, como sujeito da pesquisa, é um menino inserido em um ambiente rico em linguagem e afetividade, cujas formas de narrar revelam uma construção singular do discurso, marcada por entoações, gestos, deslocamentos temporais e jogos de linguagem.

Para descrever e interpretar o ato narrativo da criança, Oliveira (2022) propõe um “estudo fenomenológico do ato narrativo”, ancorado na filosofia bakhtiniana do ato responsável (Bakhtin, 2020). A autora parte da ideia de que todo ato humano é, antes de tudo, um acontecimento ético, situado, singular e irrepetível. Assim, cada narrativa da criança é entendida como um ato estético em que se cruzam memória, emoção, linguagem e presença, sendo possível identificar a constituição de um sujeito que age e responde ao mundo. Nesse sentido, a metodologia adotada não se restringe à análise formal da linguagem, mas busca captar a orientação valorativa expressa pela criança em seus enunciados, conforme os princípios do que Bakhtin (2020)

denomina “arquitetônica do ato”.

A análise dos dados permitiu à autora identificar cinco princípios que regem a arquitetura do ato narrativo da criança: (1) a inter-relação constitutiva com o outro; (2) o espaço da criança narradora; (3) a tensão constitutiva entre o vivido e o narrado; (4) a entonação como marca de singularidade; e (5) o processo de apreensão dos recursos linguísticos para construção espaciotemporal. Esses princípios revelam que o ato narrativo infantil não se reduz a uma habilidade linguística, mas manifesta a emergência de um sujeito ético e estético que, ao narrar, se posiciona no mundo.

O conceito de ato responsável, central na obra *Para uma filosofia do ato responsável* (Bakhtin, 2020, p. 43), sustenta essa abordagem. Nele, Bakhtin (2020) argumenta que o sujeito está “irremediavelmente responsável” por tudo o que ocorre na esfera de sua ação concreta, e que a vida humana se dá na forma de atos únicos, não repetíveis, nos quais o outro sempre está presente como condição de sentido. Dessa forma, cada narrativa de GUS analisada por Oliveira (2022) é compreendida como uma forma de presença no mundo: o menino que conta histórias cria, ressignifica e compartilha experiências, posicionando-se enquanto sujeito constituído pela linguagem, pela memória e pelo vínculo com o outro.

Outro aspecto relevante da análise é a consideração da narrativa como forma estética. Em *Estética da criação verbal* (2011), o autor defende que todo enunciado é uma realização concreta em um contexto de interação e carrega a orientação valorativa de quem o profere. A narrativa da criança, assim, é uma obra estética singular em que se expressam sua visão de mundo, seus afetos e sua voz. Como afirma Bakhtin (2011,

p. 303), “a palavra é o terreno do outro”, e é nesse terreno compartilhado que a criança se aventura a narrar, experimentar e elaborar sentidos.

O estudo de Oliveira (2022) se insere no campo da filosofia da linguagem e da aquisição da linguagem ao propor um olhar não normativo nem funcionalista sobre a fala infantil. Ao invés de medir a competência linguística da criança, a autora investiga como a criança se constitui como sujeito na linguagem, valorizando os modos singulares como a criança vivencia o tempo, se relaciona com os objetos do mundo e atribui sentido às suas experiências por meio da palavra. Como sintetiza Bakhtin (2016, p. 116), “o sentido vive na fronteira entre consciências”, e é justamente nesse entre-lugar – entre o eu e o outro, entre o vivido e o narrado – que o ato narrativo da criança ganha vida.

A alteridade, enquanto categoria fundamental na filosofia bakhtiniana, revela-se elemento central na constituição do ato narrativo infantil: “o ser do homem só pode ser revelado para fora, para o outro, para o mundo” (Bakhtin, 2011, p. 307), indicando que o sujeito só se realiza plenamente na relação com o outro. No caso da criança, essa relação não é apenas exterior, mas constitutiva: ela só pode narrar, compreender e significar suas experiências a partir da presença concreta e responsiva de um outro que escuta, dialoga e participa. A alteridade, assim, não é acessória à narrativa da criança – ela é sua condição mesma de possibilidade. A voz infantil emerge no entrelaçamento com outras vozes, e seu ato narrativo é sempre uma resposta a esse campo dialógico que o antecede e o atravessa. Como acentua Faraco (2009), o sujeito em Bakhtin é sempre um ser-em-relação, e sua linguagem é inseparável da interlocução viva com o outro.

É nesse horizonte ético e dialógico que a narrativa de

GUS adquire sua potência de significação. Ao narrar episódios cotidianos, a criança mobiliza referências compartilhadas com seus interlocutores, interpela suas reações e reconfigura o vivido à luz da resposta do outro. A alteridade se expressa, nesses momentos, tanto na coautoria da narrativa – marcada pela coconstrução com o adulto – quanto na entoação e na escolha lexical que revelam a tentativa da criança de se fazer compreender e de posicionar-se diante do mundo. A narrativa da criança, portanto, é uma enunciação atravessada pelo desejo de ser compreendida e acolhida na singularidade de sua experiência.

Neste artigo, apoiamo-nos nessa concepção metodológica assumida por Oliveira (2022) para, a partir da análise ilustrativa de três excertos de fala produzida por GUS, podermos pensar sobre a constituição da alteridade na narrativa da criança.

3 No entre: alteridade e constituição do sujeito na palavra da criança

O discurso infantil é profundamente atravessado por outras vozes (familiares, escolares, literárias) que o sujeito incorpora, contesta, ressignifica. A narrativa torna-se, assim, espaço de negociação identitária, de posicionamento social e de construção subjetiva. Com base nos excertos analisados, evidencia-se que a criança narra o mundo, mas também se narra sempre na presença ativa do outro, que se inscreve em seus dizeres de modo constitutivo e inescapável.

Esses excertos, apresentados neste artigo em forma de relatos das autoras, os quais buscam recuperar a cena enunciativa retratada nos dados de pesquisa de Oliveira (2022), ilustram a presença do outro como interlocutor e, principalmente, revelam

que a criança só se torna narradora ao se inscrever em uma relação dialógica viva, uma vez que “jamais estarei onde está o outro, em seu lugar; não posso me fundir com ele: só o outro posso abraçar, envolver de todos os lados, apalpar os seus limites” (Bakhtin, 2020, p. 38-39). Essa exterioridade radical do outro, longe de ser um obstáculo, é a condição para o surgimento do sentido e, por conseguinte, da narrativa.

A análise dos excertos apresentados permite observar a incidência dos cinco princípios que compõem a arquitetônica do ato narrativo da criança, conforme delineados por Oliveira (2022): (1) a inter-relação constitutiva com o outro; (2) o espaço da criança narradora; (3) a tensão entre o vivido e o narrado; (4) a entonação como marca de singularidade; e (5) a apreensão dos recursos linguísticos para construção espaciotemporal. Cada um desses elementos manifesta-se, em diferentes graus, nos segmentos narrativos de GUS, permitindo a compreensão de como a alteridade se constitui no dizer infantil.

Excerto 1

O primeiro excerto refere-se ao segmento denominado por Oliveira (2022) como “Álbum de fotos”, no qual GUS, com cerca de dois anos de idade, interage com seu pai enquanto os dois folheiam um álbum familiar. A criança enuncia: “GUS tá longe.”, ao apontar para uma imagem. Logo em seguida, o pai responde: “Tá longe né”. Na sequência, ao virar da página do álbum, GUS fala sobre sua imagem na foto: “Aí tá, ele tá fazendo bagunça papai.”, ao que o pai não deixa de complementar: “Tá fazendo bagunça. Aqui ó fazendo bagunça ó... espirrando água né.”. Nesse breve trecho, observa-se como a fala da criança só

adquire sentido na presença responsiva do outro. A alteridade do pai é fundamental para que o ato de narrar aconteça: sua escuta, sua resposta e sua participação dão forma e continuidade à memória que GUS reconstrói discursivamente. A narrativa, portanto, não é um monólogo, mas se desenvolve na coautoria, marcada pela partilha do vivido e pela validação da experiência da criança, pois “a compreensão é uma resposta ativa: o ouvinte se transforma inevitavelmente em locutor” (Bakhtin, 2016, p. 119), e é exatamente isso que se observa no segmento – um processo de mútua constituição entre narrador e ouvinte, entre o eu e o outro.

No primeiro excerto, observamos o princípio da inter-relação constitutiva com o outro. O ato narrativo da criança só se realiza plenamente a partir da presença responsiva do pai, que escuta, complementa e valoriza a fala de GUS. A coautoria é evidenciada nas trocas breves, mas densas em significado, em que o pai responde às iniciativas verbais do filho, sustentando o fluxo narrativo. Ainda que o espaço da criança narradora esteja em processo de construção, já é possível notar que GUS assume certa iniciativa ao apontar e comentar imagens do álbum, sinalizando uma entrada ativa no campo do discurso.

No entanto, a tensão entre o vivido e o narrado aparece de forma incipiente, na medida em que o álbum funciona como mediação da memória e da experiência. Nesse trecho, também há indícios iniciais da apropriação de recursos linguísticos espaciotemporais, com o uso do tempo presente para rememorar eventos passados, o que demonstra o processo emergente de organização temporal do discurso. A entonação, embora não analisada detalhadamente neste excerto, pode ser inferida pela dinâmica afetiva entre pai e filho, revelando já um pano de fundo de expressividade compartilhada.

Excerto 2

O segundo excerto, parte do segmento “Pintinho morto” (Oliveira, 2022), mostra GUS, agora com quatro anos, narrando o episódio que envolve o achado de um pintinho morto. A criança diz: “É. Eu já... sabe que eu já vi um ovo bem grande o o ovo já tava picado tinha um pintinho morto dentro do ovo.” Ao escutar essa fala, a pesquisadora – uma das interlocutoras no registro – responde com empatia: “Tadiiinho. (Em tom triste). Quem será...”. GUS então complementa: “Ele ficou velhinho e e ele morreu.”. A construção da narrativa aqui é atravessada por uma alteridade afetiva: o outro é não só o destinatário da fala, mas também aquele que sustenta emocionalmente a narrativa. O enunciado da criança é carregado de sentido porque é direcionado a um outro que o escuta responsivamente e compartilha a dor evocada. Relacionamos essa ocorrência ao que Bakhtin (2020, p. 49) refere ao dizer que “não há álibi para a existência”: o sujeito é irremediavelmente responsável perante o outro no evento concreto da vida. A criança, ao narrar, responde ao vivido e ao outro – ao seu sofrimento e à escuta sensível da interlocutora – em um ato ético que só se cumpre no espaço do entre.

Esse trecho permite observarmos a materialização mais evidente dos princípios do espaço da criança narradora, da inter-relação com o outro e da tensão entre o vivido e o narrado. GUS conduz a narrativa de forma autônoma, trazendo à cena uma memória significativa atravessada por marcas afetivas. A presença do outro não apenas legitima a palavra da criança, mas sustenta emocionalmente a elaboração do enunciado, permitindo que o ato narrativo se configure também como gesto

ético. A narrativa de GUS reconfigura o vivido à luz da escuta sensível de sua interlocutora, o que ilustra o princípio da tensão constitutiva entre experiência e discurso. Ainda que a entonação não seja descrita diretamente, pode-se depreender sua presença nas reações emocionais evocadas, tanto pela criança quanto pela interlocutora. Há também um indício de organização sequencial, com relação de causa e consequência entre os enunciados (“o ovo já tava picado [...] ele ficou velhinho e morreu”), apontando para a aquisição de estruturas narrativas mais complexas.

Os excertos 1 e 2 exemplificam, portanto, que a alteridade é constitutiva do ato narrativo da criança como elemento estruturante do sentido. O eu narrador da criança não se forma isoladamente, mas em tensão e em relação com o outro que escuta, pergunta, valida e compartilha: “o eu só se torna consciente de si por meio do outro, por meio do olhar do outro, por meio da palavra do outro” (Bakhtin, 2011, p. 312). É nesse olhar e nessa palavra do outro que o menino narrador de Oliveira (2022) se constitui como sujeito de linguagem, como alguém que tem algo a dizer – e alguém com quem dizer.

Excerto 3

O excerto 3, parte do segmento “Luna e o gato” (Oliveira, 2022), evidencia a complexidade da arquitetônica do ato narrativo infantil. Em primeiro lugar, destaca-se a inter-relação constitutiva com o outro, que se manifesta de modo evidente na interação entre GUS, seu pai e a pesquisadora. A narrativa da criança não se configura como um monólogo isolado, mas como um processo coconstruído, em que o outro não apenas escuta, mas intervém responsivamente, atribuindo novos sentidos ao

enunciado. O registro inicia com uma conversa entre criança e pai, no qual GUS fala sobre algo que viu quando estava passeando pela rua. GUS afirma que um gato, de uma casa vizinha, fugiu por um buraquinho, o que leva o pai a perguntar “Qual buraquinho?”, ativando a continuidade do ato narrativo. A criança responde com precisão: “o buraco da da porta da casa” – revelando que é no entrecruzamento de vozes que o sentido se constitui. Essa dinâmica da narrativa aponta para o fato de que o sujeito só se realiza no evento da vida por meio da alteridade. “Não há álibi para a existência” (Bakhtin, 2020, p. 49), ou seja, não é possível existir ou significar fora da relação com o outro. A presença responsiva do interlocutor é condição de possibilidade para a emergência do ato narrativo.

Ademais, observa-se o princípio do espaço da criança narradora. Nesse segmento, em especial, GUS assume explicitamente o lugar de autor da narrativa, pois é através de sua iniciativa que começa a narrar a situação experienciada. Ele interrompe a conversa entre os adultos, que tratava sobre outro tema, e impõe sua voz ao declarar: “Sabe que eu já vi um...”, não esperando autorização ou convocação para narrar. Tal gesto revela um deslocamento significativo: a criança deixa de ser apenas um respondente às provocações do outro e se afirma como sujeito que deseja narrar, que se inscreve como centro de valor no evento da fala. Conforme Bakhtin (2020), é a partir de sua posição única e irrepetível no mundo que o sujeito é capaz de agir responsavelmente – e é justamente isso que se realiza quando GUS se torna narrador de si e de suas experiências. O espaço da narração, nesse caso, é ocupado com intencionalidade, revelando a progressiva constituição do

sujeito discursivo da criança.

A esse movimento de constituição do narrador, soma-se a tensão constitutiva entre o vivido e o narrado, terceiro princípio que sustenta a arquitetônica do ato narrativo infantil. A narrativa de GUS não se limita a um relato factual daquilo que ocorreu; ela é elaborada, editada e tensionada pelas vozes do presente. Ao contar que o gato fugiu e que o dono “nem viu”, GUS recria o evento com uma orientação valorativa específica, atribuindo esperteza ao gato e distração ao dono. Essa reelaboração é provocada, em parte, pelas intervenções dos adultos, como a exclamação da pesquisadora: “Gato é esperto né?!”, que reforça uma leitura interpretativa da ação do animal. Nessa dimensão, a narrativa não é mera repetição do vivido, mas um novo acontecimento, atravessado por múltiplos sentidos, conforme o conceito de polifonia proposto por Bakhtin (2022). O vivido é refratado na linguagem e transformado em enunciado, constituindo uma tensão criativa e inevitável entre experiência e discurso.

Outro aspecto essencial que se explicita nesse segmento é a entonação como marca de singularidade. O tom com que GUS narra a fuga do gato carrega um traço afetivo e avaliativo que ultrapassa o conteúdo proposicional do enunciado. Ao dizer “e o dono nem viu o gato saindo” com um sorriso e em tom de gozação, GUS expressa seu juízo sobre o evento, demonstrando um posicionamento estético e ético em relação ao que narra. A pesquisadora, em resposta, sorri, indicando que reconhece e compartilha a valoração embutida na entonação do menino. Conforme Bakhtin (2011), a entonação é parte inseparável do enunciado e expressa a orientação emotivo-volitiva do sujeito. Através dela, o eu se manifesta como singularidade, marcando

o discurso com traços de sua subjetividade. O ato narrativo, assim, torna-se um gesto de autoria que vai além do que é dito: é também um como se diz, um modo de estar no mundo que se realiza linguisticamente.

Por fim, o processo de apreensão dos recursos linguísticos para construção espaciotemporal aparece de forma notável na articulação narrativa de GUS. O uso repetido de marcadores de sequenciação, como “daí ele saiu”, “daí ele pulou”, “daí ele conseguiu sair pra fora”, revela um domínio crescente das estruturas linguísticas que organizam o tempo e o espaço na narração. Os verbos conjugados no pretérito (“saiu”, “pulou”) indicam a capacidade da criança de projetar a ação em um eixo temporal coerente, o que permite ao interlocutor reconstruir mentalmente o encadeamento dos fatos. Bakhtin (2011) afirma que o domínio dos meios expressivos da cultura é condição para a constituição do sujeito como autor-criador. A criança, ao narrar, opera um processo cognitivo e discursivo de espacialização e temporalização da experiência, transformando o vivido em linguagem. Trata-se de um gesto estético no qual o sujeito organiza o mundo por meio da palavra.

É no terceiro excerto que os cinco princípios aparecem de forma mais articulada e evidente. A inter-relação com o outro se realiza plenamente, já que tanto o pai quanto a pesquisadora intervêm responsivamente na construção do enunciado, atribuindo sentidos e coconstruindo a narrativa com a criança. O espaço da criança narradora é assumido com força: GUS interrompe a conversa entre os adultos para contar sua história, revelando intencionalidade discursiva e desejo de partilhar a experiência. A tensão entre o vivido e o narrado é marcada pela reelaboração do evento, que ganha novos contornos valorativos

com a colaboração dos interlocutores e com as entonações de GUS, que ironiza, interpreta e valoriza os acontecimentos narrados – como ao comentar que “o dono nem viu o gato saindo”. A entonação, nesse caso, é uma marca nítida de sua singularidade, funcionando como expressão estética e ética de sua posição no mundo. Por fim, o uso reiterado de marcadores temporais (“daí ele saiu”, “daí ele pulou”) e verbos conjugados no pretérito evidencia o processo de apropriação dos recursos linguísticos necessários à organização espaciotemporal da narrativa, apontando para a constituição de uma competência discursiva em expansão.

Em síntese, o ato narrativo infantil, tal como se manifesta no excerto 3, não pode ser reduzido a uma competência linguística isolada ou a um simples exercício de memória. Ele revela a emergência de um sujeito ético e estético que, ao narrar, posiciona-se no mundo, interage com o outro, constrói sua singularidade e reinscreve o vivido na linguagem. Os cinco princípios delineados por Oliveira (2022) encontram respaldo teórico e existencial nas obras de Bakhtin, que compreendem o sujeito como ser-em-relação, cuja linguagem é sempre ato e cuja palavra é sempre resposta. Narrar, para a criança, é, portanto, um modo de existir responsavelmente no mundo.

Ao reunir os cinco princípios que sustentam a arquitetônica do ato narrativo da criança, é fundamental reafirmar que todos eles são atravessados pela alteridade como elemento fundante. A criança não narra sozinha, mas sempre em relação com o outro que a escuta, intervém e valida sua palavra. Como sujeito-em-relação, ela só pode ocupar o lugar de narradora a partir da escuta responsiva que lhe confere existência discursiva. A presença do outro – seja pai, mãe, pesquisadora ou qualquer interlocutor –

não é apenas circunstancial, mas constitutiva do próprio sentido do ato de narrar. A alteridade, conforme Bakhtin (2020), não é um obstáculo à individuação do sujeito, mas sua condição de possibilidade: “só o outro posso abraçar, envolver de todos os lados, apalpar os seus limites” (Bakhtin, 2020, p. 38-39). Nesse sentido, a narrativa infantil é sempre um acontecimento dialógico, uma tessitura de vozes que revela o sujeito em sua formação ética, estética e responsiva. O menino que conta suas histórias, portanto, não é um emissor solitário, mas um ser que se descobre e se inventa na partilha com o outro – e é nesse espaço entre vozes que a linguagem se torna gesto de mundo, e a infância, potência criadora de sentido.

4 Enfim, a alteridade na narrativa da criança

Toda narrativa da criança é, antes de tudo, um ato de resposta. Resposta ao mundo, ao outro, à experiência vivida – e também à expectativa de escuta que lhe é oferecida. O que os excertos analisados e os princípios delineados evidenciam não é apenas a capacidade da criança de organizar linguisticamente acontecimentos, mas a sua inserção ativa em um campo de sentidos compartilhados. Narrar, nesse contexto, não é simplesmente falar sobre algo, mas falar para alguém – alguém cuja escuta configura o lugar mesmo da palavra da criança. É nessa escuta responsiva que se revela a alteridade como solo ético da linguagem. Conforme Bakhtin (2020), não há como escapar da responsabilidade diante do outro: toda palavra é um acontecimento situado, marcado pela presença concreta de um destinatário. Assim, a narrativa infantil é o modo como a criança se lança no mundo, inscrevendo-se como sujeito de linguagem

em uma trama dialógica na qual o outro nunca está ausente.

Reafirmar a alteridade como categoria fundante não é apenas reconhecer que há outro na cena da enunciação, mas compreender que é na e pela relação com esse outro que a subjetividade da criança se forma. A escuta do adulto, o olhar do interlocutor, a partilha afetiva – tudo isso confere existência à voz da criança, que se constrói no entre, no intervalo, na tensão viva entre dizer e ser compreendido. Como nos lembra Bakhtin (2011), o eu só pode ser reconhecido por meio do olhar do outro, pois é nesse reflexo que se forma a consciência de si. O menino que conta histórias não está apenas organizando palavras, mas se constituindo como sujeito, em uma jornada ética e estética marcada por encontros, desvios, escutas e silêncios. A narrativa, assim, torna-se o lugar privilegiado da constituição do sujeito na linguagem – e a alteridade, sua condição vital.

Nesse sentido, compreender a narrativa da criança como um ato ético e estético implica deslocar o olhar adulto da tentativa de controle interpretativo para uma postura de abertura e reconhecimento da criança como sujeito autoral. É preciso escutar o que se diz, mas também o modo como se diz, os gestos que acompanham a palavra, os silêncios que a contornam, os ecos de outras vozes que nela ressoam. A palavra da criança é, muitas vezes, frágil, incompleta, hesitante – mas não por isso menos potente. Pelo contrário: é nessa incompletude que reside sua força criadora, sua capacidade de invenção de mundos e significações.

A escuta da narrativa infantil, portanto, exige sensibilidade para o inacabamento, para o devir da linguagem. Implica reconhecer que cada enunciado infantil carrega um gesto de posicionamento no mundo, uma tentativa de dizer a si e

ao outro quem se é – ou quem se está tentando ser. O adulto, nesse processo, não é mero reprodutor de expectativas, mas corresponsável pela constituição daquele sujeito em formação. Sua escuta pode acolher, expandir, confirmar; ou pode silenciar, interromper, desautorizar. É nesse vínculo ético que se estabelece a responsabilidade do outro pela constituição do eu.

A narrativa da criança, em sua singularidade, é também memória do vivido e antecipação do por viver. Ela atualiza experiências, reelabora afetos, propõe novas possibilidades de ser. A criança que narra está em processo: experimenta linguagens, explora formas, testa sentidos. Sua palavra carrega a materialidade da vida – do que foi vivido, do que foi imaginado, do que está por vir. Assim, reconhecer a centralidade da alteridade na narrativa infantil é afirmar a linguagem como lugar de encontro, como campo de criação e como modo de existência. É afirmar, enfim, que toda palavra da criança é, em si, um ato de mundo.

Referências

- ARAÚJO, Ana Lúcia Barros; ARAÚJO, Márcia Regina C. de. A alteridade na narrativa da criança: escutar, acolher e significar. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe*, v. 17, n. 1, p. 85-102, 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da obra de Dostoiévski*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2022.
- BARONAS, Roberto; TONELLI, Daniel. Linguagem, voz e subjetividade: entre os estudos do discurso e a filosofia da linguagem. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 12, n. 2, p. 271-285, jul./dez. 2011.
- DEL RÉ, Alessandra, HILÁRIO, Rosângela Nogarini, RODRIGUES, Rubens Antônio. O *corpus* NALíngua e as tecnologias de apoio: a constituição de um banco de dados de fala de crianças no brasil. *Artefactum - Revista de Estudos em Linguagens e Tecnologia*, v. 13, n. 2, s.p., 2016.
- FARACO, Carlos Alberto. Língua, linguagem, discurso. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 31- 48.
- MARTINS, Ana Luiza. A voz e a identidade discursiva: uma abordagem bakhtiniana. *Letras & Letras*, v. 38, n. 2, p. 130-145, 2022.

OLIVEIRA, Marina de. *O menino contador de histórias: a criança e a arquitetônica do ato narrativo*. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2022.

OLIVEIRA, Ângelo; CASTRO, Mariana. A subjetividade infantil na perspectiva dialógica: interações e vozes na constituição do sujeito. *Cadernos de Linguística Aplicada*, v. 23, n. 1, p. 95-110, 2023.

PONZIO, Augusto. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.